

LUGAR DO AFETO NA RELAÇÃO PROFESSORA E ALUNOS: UM ESTUDO DE CASO

Laura Gabrielly Tenório Silva¹
Alessandra Oliveira Santos²
Lara Cauane Rodrigues Da Silva³
Ewellyn Joanna Cavalcante De Souza⁴
Elizete Santos Balbino⁵

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o lugar do afeto na relação professoras e alunos, considerando as observações realizadas em sala de aula por um grupo de licenciandas em Pedagogia que fazem parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência — PIBID, do *campus* I da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Sabe-se que, no âmbito educacional, a relevância da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem emerge como um elemento fundamental e indispensável nas interações humanas. Dessa maneira, a problemática que motivou esta investigação foi: qual o lugar do afeto na relação professoras e alunos nas escolas campo, parceiras do PIBID? Para esse estudo, a abordagem metodológica é de natureza qualitativa e desenvolvida através de um estudo de caso, com o uso da observação participante em turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, bem como a análise de um questionário aplicado a três professoras supervisoras, principais sujeitos da referida pesquisa. Os resultados alcançados pretendem mostrar um vínculo de afetividade na escola entre alunos e professoras, de forma que possa impactar positivamente o processo de aprendizagem, e, sobretudo, frente à compreensão de como se dá a percepção do professor acerca das diferentes atitudes manifestadas pelos alunos diante do fazer pedagógico, num contexto de relações permeadas ou não pelo afeto, reconhecendo o ambiente escolar como um local privilegiado em que as trocas afetivas podem acontecer.

PALAVRAS-CHAVE: Afeto, Aprendizagem, Docência.

INTRODUÇÃO

No interior de cada relação humana há o fator afetividade, que fundamenta as ações de um para com o outro e permite o desenvolvimento dos pensamentos e, conseqüentemente, da aprendizagem. É por meio da afetividade que o aprendizado pode ocorrer e se concretizar, assim como a intelectualidade se desenha nos moldes das relações sociais que permeiam cada cultura, em cada um dos povos. O fator que torna o ser humano verdadeiramente humano, é

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas — UNEAL, gabrielly.silva.2021@alunos.uneal.edu.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas — UNEAL, alessandra.santos@alunos.uneal.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas — UNEAL, lara.silva.2021@alunos.uneal.edu.br;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas — UNEAL, ewellyn.souza.2021@alunos.uneal.edu.br;

⁵ Professora orientadora: professora adjunta do curso de pedagogia, Universidade Estadual de Alagoas — UNEAL, elizete.balbino@uneal.edu.br.

sua capacidade de socialização e da aprendizagem construída a partir dela, processo fundamental para a construção da humanização.

Na presente pesquisa, busca-se entender qual será o lugar da afetividade que permeia a relação entre professoras e alunos no espaço escolar, na qual cada um dos sujeitos está inserido em uma sociedade estratificada economicamente e em um sistema educacional que privilegia, frequentemente, a autoridade do professor em detrimento da liberdade de expressão dos alunos. Destaca-se, também, a realidade social das famílias de cada criança, através da consideração da forma como o afeto foi e é desenvolvido no cotidiano para além dos muros da escola. Nesse contexto, observa-se principalmente como este afeto, pré-estabelecido ou negligenciado nas vivências da criança e do professor, existente ou ausente no contexto da sala de aula, influencia o processo de ensino-aprendizagem. Para alcançar os resultados pretendidos, foram utilizados no percurso metodológico revisões bibliográficas e apontamentos oriundos da observação de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência — PIBID, em salas de aula parceiras do programa.

O trabalho está dividido nos seguintes tópicos: inicialmente, apresenta-se a metodologia utilizada e, em seguida, os conceitos introdutórios acerca da afetividade, que trazem à tona a realidade humana do ser social e os meios em que ocorre o processo de aprendizagem. Estas conceituações são revisitadas a partir do contato com os saberes construídos historicamente e transmitidos por meio da relação das crianças com os adultos (professores e família), além de ser analisado o modo como a afetividade está vinculada à realidade escolar. Posteriormente, são discutidos os resultados alcançados através da pesquisa realizada com as professoras de cada sala de aula, da revisão teórica dos estudos na área da afetividade e seu vínculo com as relações escolares.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em pesquisa exploratória de cunho qualitativo, aliada à modalidade de estudo de caso. Conforme Ventura (2007, p. 384):

O estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e análise de dados. Pode incluir tanto estudos de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa

Além disso, para a fundamentação deste trabalho, foram realizadas algumas pesquisas na etapa de revisão da literatura, que compreenderam a leitura de aproximadamente 20 artigos acerca da importância da temática do afeto/afetividade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Foi construído um questionário com três perguntas direcionadas às professoras supervisoras do PIBID, que atuam em escolas diferentes e, conseqüentemente, têm vivências diferentes a respeito da compreensão da importância que o afeto traz para a aprendizagem. Este estudo consolida-se em três escolas base do PIBID, integrantes do Núcleo de Pedagogia correspondente ao período de 2022 — 2023, nas quais, partindo da atribuição de bolsistas de iniciação à docência, observou-se a relação de afetividade entre aluno e professor. Dessa maneira, foi possível relacionar o conceito de observação participante, descrito a seguir, aos aspectos técnico, prático e crítico da construção do conhecimento:

[...] definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente”. (Minayo, 2013, p. 70 *apud* Marques, 2016, p. 278).

A partir da vivência nas escolas, surgiu a problemática que motivou esta investigação: qual o lugar do afeto na relação entre professora e alunos nas escolas-campo parceiras do PIBID?. Deve-se ressaltar que esta pesquisa só foi possível ser idealizada e executada mediante a participação no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência — PIBID e algumas atribuições dele advindas.

Sobre o PIBID, vale ressaltar que:

Vem se tornando uma política pública de grande relevância e valorização do magistério, tendo em vista que atende diretamente os cursos de Licenciatura, possibilitando aos bolsistas atuação no seu campo de trabalho, desde o início de sua formação, e ainda o acesso à sala de aula, a fim de que os mesmos tenham a oportunidade de desenvolverem projetos que possibilitem e facilitem o ensino e a aprendizagem dos diversos campos do saber” (Oliveira, 2015, p.88)

Nesse sentido, o PIBID visa aprimorar a formação inicial, visto que possibilita aos licenciandos integrantes do programa a familiarização com o ambiente escolar desde o primeiro ano da graduação, atrelado sempre à parte teórica e à prática no cotidiano dos pequenos, futuro campo de atuação docente.

CONCEITUANDO AFETIVIDADE

Afetividade é o conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual. (Ferreira, 2009). As emoções, sentimentos e paixões atuam conjuntamente para gerar uma força, que é desenvolvida e impregnada no caráter daquele indivíduo e pode mudar de direção ao longo do processo de maturação física e/ou emocional. Com esse conceito, depreende-se também que o desenvolvimento do afeto é uma característica inerente aos seres vivos dotados de consciência, como é o caso dos seres humanos e de algumas espécies de animais.

A afetividade é uma manifestação de sentimentos que pressupõem o cultivo em nós mesmos, em nossa família, nossos amigos, de aptidões que são próprias do coração humano. Devemos nos dedicar a aprender a administrar nossas habilidades humanas, que são tão necessárias e essenciais para o convívio em grupo, não apenas para lidar com nossas emoções, mas também para estabelecer relações humanas verdadeiras e significativas. (Santos; Rubio, 2012, p. 1).

Nesta significação, as autoras trazem o conceito de afetividade como uma construção, um cultivo de aptidões que são desenvolvidas no seio das relações que uma pessoa tem com seus semelhantes. É interessante notar a ligação do aspecto afetivo e emocional ao bom desenvolvimento das relações de coexistência e da responsabilidade atribuída a cada indivíduo de entender e moldar suas habilidades de socialização, levando à boa convivência e ao próprio conhecimento do que sente, de como expressa e de como deve expressar suas sensações e emoções. Um ciclo aqui é instaurado, quando o sentir, o expressar e entender são desenvolvidos por meio das relações sociais, as quais traduzem os sentimentos do próprio indivíduo e dão origem, ao mesmo tempo em que direcionam, à construção da subjetividade.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente (Oliveira, 1992 *apud* Vygotsky, 1993, p. 25)

Percebe-se que a vertente da afetividade descrita por Vygotsky teoriza que o pensamento e o afeto não podem ser dissociados, sendo um a base para o outro se constituir. Esta relação faz menção à intelectualidade que é formada em cada indivíduo de acordo com os aprendizados que adquire e constrói desde a mais tenra idade. Estas experiências são obtidas pelas primeiras figuras de afeto (adultos que criam a criança), por intermédio

das quais o bebê tem o mundo à sua volta traduzido e, futuramente, pela exploração da criança aos objetos e sensações que estão ao seu alcance — quando essa exploração tem as condições necessárias para ocorrer —, e pelos ensinamentos contínuos ao longo de sua vida.

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DA SOCIALIZAÇÃO

O primeiro contato da criança com o meio social é após o nascimento, com a família, onde a criança aprende a criar laços afetivos e inicia seu processo de ambientação com sua cultura e tradições familiares. Logo após, a criança passa para o ambiente escolar, que é rico em trocas interativas com personalidades, interesses e criações completamente diferentes das suas, como pontua a pedagoga Patrícia Silva.

Este processo inicia no nascimento, propício a mudanças e permanecendo no ciclo vital. Uma mudança significativa foi o avanço tecnológico no meio de comunicação que interfere na socialização dentro das famílias, repassando ainda mais as responsabilidades para as escolas. A partir disso surge a necessidade de compreender como a escola contribui para o processo de socialização, levando em consideração a identidade e a forma de interagir. No entanto, qual o papel da escola no processo de socialização na educação infantil? Temos conhecimento que educar não é só o processo ensino-aprendizagem, é preciso construir de forma real indivíduos pensantes, éticos e preparados para a sociedade. (Silva, 2017 p. 69)

A cultura e identidades distintas, adquiridas dentro das famílias, são trazidas para dentro das escolas através das crianças e, a partir desta interação, a cultura individualizada passa a ser somada a outros saberes, outras realidades e outros tipos de cultura. Essa interação ajuda a criança a construir seu pensamento crítico e sua autonomia, além de auxiliar na capacidade de lidar com realidades e opiniões diferentes das suas. A primeira socialização torna a criança um membro da sociedade, a partir de sua inclusão nesta; a segunda interação forma-se na escola, onde o indivíduo é inserido já socializado na família e enfrenta interações sociais externas, a fim de aprender a lidar com suas emoções e a criar relações.

O mundo social é “filtrado” para o indivíduo por meio dessa dupla seletividade. Assim, a criança das classes inferiores absorve uma perspectiva própria sobre a sua classe sobre o mundo social, mas segundo uma coloração idiossincrática dada por seus pais (ou por qualquer indivíduo que se ocupe de sua socialização primária). A mesma perspectiva própria às classes inferiores pode provocar uma atitude de aceitação de seu destino, de resignação, de ressentimento amargo ou de revolta febril. Consequentemente, a criança das classes inferiores acabará não somente por habitar em um mundo muito diferente daquele das classes superiores, mas também por se diferenciar de seu vizinho que pertence, no entanto, à mesma classe que ele (Silva, 2017 *apud* Berger; Luckmann *apud* Haecht, 2008, p.101).

Na escola, a criança enfrenta diversas culturas e inicia a construção de sua afetividade, como meio de preparo para viver em sociedade e por influência das atividades pedagógicas

pensadas para a interação, o indivíduo cria espontaneamente momentos de socialização, como no intervalo, onde estão livres para decidir suas atitudes e, junto aos outros alunos, interagir entre si e decidir o que irão fazer ou dialogar.

A escola e a família se completam no papel de formadores de socialização da criança. A família é o alicerce sob o qual o papel escolar é posto em prática, e a partir da união entre as socializações primárias (família) e secundárias (escola), devem dar continuidade juntas ao processo de socialização e compreenderem a responsabilidade que ambas possuem. Uma das dificuldades família/escola é que está ainda não comporta, em seus espaços sociais e de interação, os diferentes segmentos da comunidade e, por isso, não possibilita uma distinção quantitativa das competências e o compartilhar das responsabilidades” (Silva, 2017 *apud* Dessen; Polonia, 2007, p.28).

A educação é o objeto de mediação das práticas pedagógicas com as práticas sociais, de forma que uma está diretamente ligada à outra. A escola utiliza atividades que estimulam a interação social e o processo de socialização das crianças auxilia nas atividades escolares, no desenvolvimento dos alunos, nas discussões e formação do pensamento crítico dos indivíduos, além do desenvolvimento da capacidade de lidar com emoções diversas e de aprender seus limites e os dos outros. Portanto, parte-se do entendimento de que tanto os processos do âmbito escolar quanto os do âmbito familiar reproduzem a estimulação da afetividade e da criação de laços entre os indivíduos.

Acreditamos que a psicologia tem uma importante contribuição a dar, um auxílio à pedagogia, na redefinição de todos esses aspectos relativos à socialização da criança na escola. Problemas como indisciplina, violência, rivalidade, competição, descompromisso, individualismo, autoritarismo estão presentes no cotidiano das escolas brasileiras. Tais questões são tratadas empiricamente ou, se tanto, são psicologização sob diferentes matizes teóricos. (Silva, 2017 *apud* Miranda. 1984, p.134)

AFETIVIDADE E O CONTEXTO ESCOLAR: QUAL A RELAÇÃO?

No decorrer desta pesquisa e das revisões realizadas, percebe-se que quanto à relação de afetividade e suas contribuições para o ensino-aprendizagem, há algumas circunstâncias comuns que ocorrem na vida desses indivíduos. Ao refletir sobre a problemática investigada, descobriu-se que há uma carência de afeto em relação a uma grande mudança na vida dos pequenos, na qual a afetividade é um fator importante como pilar para a construção do processo de aprendizagem, segundo Freitas (2014, p.183) “Observa-se que a falta de sensibilidade e afetividade, de modo geral, é uma das principais carências dos alunos. Essa carência interfere significativamente no seu desenvolvimento da aprendizagem e na relação interpessoal entre docentes e discentes”.

Outro fator determinante para essa carência do afeto, principalmente nos alunos de faixa etária do público-alvo desta pesquisa, é motivado pela passagem da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, uma transição que, apesar de ser um processo comum, não pode ser

considerada fácil. Essa transição é um grande marco de mudanças pelas quais eles passam ou irão passar, tanto no ambiente físico, como nas estruturas, realocação das salas e na redução do ambiente lúdico de cores e brinquedos. Quanto a todas as expectativas que há nessa nova etapa, bem como as mudanças significativas para seu desenvolvimento, viu-se que:

É perceptível que nas novas funções e atribuições destinadas às crianças dos anos iniciais, se destacam: regras dentro das salas de aula mais rígidas, o silêncio tão repetidamente solicitado, tempos reduzidos para o recreio, espaço para a brincadeira quase inexistente, sendo algumas vezes apenas tolerada.[...] Enquanto na educação infantil, as crianças vivenciam formas de rotinas mais livres, tempo para brincar mais alongado, permissão para andar pela sala de referência, cantar e explorar, o tempo para o parque é maior, e a cobrança por produções (apesar de presente) se dá de forma mais tímida e respeitosa aos tempos da criança) (Santos, 2022, p.48)

Nesse contexto, é no espaço escolar que há uma ampliação da relação com a família, onde as crianças farão uma extensão de todo acolhimento e afetividade que dispunham, também oferecida, agora, por todos os que compõem este novo local de desenvolvimento social e cognitivo do ser (Aguiar, 2020). É nesse sentido que devemos indagar: qual o lugar do afeto? é somente em casa? pode ser atribuído ao ambiente escolar? há relação entre a afetividade e o processo de ensino-aprendizagem? o que, de fato, a escola tem a ver com isso?. Pretende-se responder a estes questionamentos ao longo da pesquisa; contudo, inicialmente, estas reflexões foram necessárias para atender ao objetivo de respondê-las satisfatoriamente.

Segundo Aguiar (2020, p.5):

Uma educação escolar que tenha como foco o ensino e a aprendizagem, também, devem trabalhar o afeto, não como complemento, mas como uma das finalidades do processo educativo, visto que entre os objetivos da educação está a formação da pessoa. Contudo isto não pode ser reduzido ao acúmulo de conteúdo, perpassando, outrossim, os laços de afeto.

A afetividade, nessa ótica, é vista como um vínculo entre a criança/aluno e a relação com o professor, na qual ocorre assim a contribuição mútua daquela para a aprendizagem. Dito isto, o aluno deverá enxergar no professor um amigo, e o professor enxergar no aluno um potencial a ser desenvolvido, permeado por essa relação de respeito recíproco. No campo educativo, a afetividade é vista como vínculo, laço que une professor e criança, uma contribuição para romper limites e promover a aprendizagem. Freitas (2014, p.184) reforça que “A relação afetiva é acima de tudo uma relação de respeito”. A construção da relação de afeto não configura falta de limites, mas, pelo contrário, é a partir desse respeito e vínculo estabelecidos que uma melhor estratégia para a aprendizagem pode ocorrer, haja vista que deve haver nessa relação professor e aluno uma via de mão dupla, onde ambos colaboram entre si.

A relação entre professores e alunos reflete automaticamente nos ensinamentos passados em sala e no interesse dos estudantes”, Wachs (1998, p. 87) afirma: “A intercomunicação amorosa não se efetua se não há retribuição do amor”. Ou seja: “as intercomunicações amorosas”, que interpretamos como relação afetiva entre docentes e discentes, tem que ser recíproca”. (Freitas, 2014 p. 182).

Dessa maneira, a afetividade é, então, um ato de sensibilidade e respeito na relação professor e aluno, fundamental para o progresso desses estudantes. Com o auxílio da relação afetiva, constrói-se nos alunos uma motivação no ato de estudar e aprender. Sob esse viés, defronta-se com exigências docentes muito difíceis de conciliar. Os antagonismos dessas exigências conduzem a indagações sobre qual é, de fato, o projeto para a construção da afetividade ao qual as professoras têm que aderir e que permeiam — ou deveriam permear — todas as relações sociais, para contribuir e tornar humano e acolhedor o processo de aprendizagem de cada ser.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho intentou analisar o lugar do afeto na relação professor e aluno. Para isso, na tentativa de conhecer o que os sujeitos pensam a respeito das questões afetivas, definiu-se, então, para coleta de dados, um questionário formado por quatro questões e distribuído para três professoras de diferentes escolas do Ensino Fundamental, parceiras do PIBID da cidade de Arapiraca. A coleta de dados mostra a opinião das professoras acerca do conceito da afetividade, sua influência na aprendizagem, o seu lugar, e se existe algum rompimento na passagem da Educação Infantil para a Educação Fundamental no que tange à afetividade. Para preservar a identidade das sujeitas, elas foram identificadas como: (Pn°), caracterizadas como Professora 1, Professora 2 e Professora 3. Dessa maneira, em relação ao primeiro questionamento referente ao conceito de afetividade, obtivemos as seguintes respostas:

Afetividade é a capacidade de sentir e/ou expressar emoções, sentimentos e afeto em relação a si mesmo, aos outros e ao ambiente. (P1)

Afeto é estar sempre à disposição de alguém para demonstrar carinho. É a partir do afeto construído que se demonstram emoções ou sentimentos. Na sala de aula é muito importante que se tenha carinho com os alunos. (P2)

É a capacidade que o indivíduo tem de demonstrar os sentimentos e as emoções. Afeto tem a ver com empatia, carinho, com o querer estar por perto e querer se relacionar com a outra pessoa e se sentir bem ao lado dela em qualquer que seja a relação. (P3)

A partir de suas respectivas respostas, é possível observar que as professoras compreendem bem o conceito da afetividade e a vê como um sentimento essencial, constituído por cuidado, carinho, empatia e emoção. Percebe-se também que os sujeitos

entendem que o afeto é um fator relevante, que precisa estar presente nas relações sociais e deve ser atribuído aos seus alunos.

Acerca do conceito de afetividade, a autora Izabel Galvão (1995) fala das concepções de Wallon sobre esse aspecto da vivência humana, e afirma: “a afetividade envolve as emoções, que é de natureza biológica, dos sentimentos, das vivências humanas, do desenvolvimento da fala, que possibilita transmitir ao outro o que sentimos.” (Galvão, 1995). O segundo questionamento diz respeito à importância da afetividade para a aprendizagem. A este tópico, as professoras defendem que:

Sim, pois estas relações desempenham um papel crucial na aprendizagem, visto que quando há um ambiente emocionalmente positivo e acolhedor, as pessoas estão mais propensas a se engajar no processo de aprendizagem. (P1)

Sim é muito importante, pois através do afeto as crianças se sentem seguras e aprendem melhor. (P2)

Sim. Porque quando nós estabelecemos uma relação de afeto com a nossa criança é muito mais fácil credibilizar o que nós trazemos para a sala de aula. Estabelecendo por meio da afetividade uma relação de confiança e cuidado a criança consegue perceber que aquele indivíduo traz algo significativo e positivo. Com isso, ela tende a ouvir mais o que nós falamos, os conhecimentos que transmitimos em sala para a realidade delas e também traz esses conhecimentos para a gente. Então, acredito que essa relação de afeto no ambiente escolar é fundamental. Quando a criança não tem estabelecido com o adulto, com o professor uma relação de afeto, o relacionamento fica complicado e a tendência é que a criança não se interesse pelo o que está tendo naquele ambiente. (P3)

Nota-se que as professoras reconhecem que o aspecto afetivo é um elemento fundamental e pode interferir na aprendizagem. Isso fica evidente quando a (P1) relata que, uma vez que as crianças se sentem seguras e acolhidas, o processo de aprendizagem flui de forma melhor. Além disso, de acordo com a (P3), quando o professor não estabelece uma relação de afeto com os seus alunos, eles tendem a não sentir interesse pelo conteúdo abordado naquele ambiente. Nesse âmbito, quando é transmitida para o aluno confiança de que ele é capaz de resolver determinada situação com autonomia, sua autoestima é fortalecida e, assim, ele passará a acreditar em suas potencialidades. Essa confiança pode ser estabelecida pelo professor por um simples gesto de afeto e acredita-se que dentro da sala de aula deve haver mais que ensinamentos didáticos, posto que é necessária também a construção de laços afetivos. Desse modo, a afetividade é um dos aspectos que devem ser considerados como base para o processo educativo.

Na sequência, indagou-se: existe um lugar específico para o afeto? em síntese, qual lugar do afeto?. As respostas apontam que:

Na educação, o afeto não se limita a um lugar específico, mas sim permeia todos os ambientes em que as pessoas se encontram. (P1)

Não entendi essa pergunta. (P2)

O lugar do afeto é em todas relações estabelecidas entre os seres sociais. Então em todas as relações que os indivíduos realizam entre si, têm afeto. (P3)

Ficou claro que as docentes compreendem que não existe um lugar específico para demonstrar tal sentimento ao outro. No resultado obtido por uma das sujeitas é notável que o afeto não se limita a um lugar específico. Dessa forma, a demonstração de amor e carinho é necessária em todos os lugares. Mencione-se que uma professora não respondeu ao questionamento, o que justifica a ausência de resposta da (P2).

O quarto questionamento busca saber se o sujeito consegue enxergar que há um rompimento na relação de afeto entre a Educação infantil e o Ensino fundamental, caso a resposta seja positiva, de que modo pode-se proceder como professoras?

Sim, é possível perceber que em alguns casos pode haver um rompimento na continuidade da relação de afeto entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e essa relação pode ser desafiadora para as crianças, visto que, envolve mudanças, no ambiente, na abordagem pedagógica e nos relacionamentos. Podemos proceder como professoras com algumas estratégias, dentre elas: continuidade da abordagem afetiva; foco na transição suave e é importante também conhecer a individualidade de cada criança. (P1)

Não vejo como um rompimento e sim como um processo contínuo. (P2)

Não tenho experiência na Educação Infantil, mas observa-se, é claro que por meio do compartilhamento de experiência com os outros colegas, realmente há uma relação afetiva muito grande na Educação Infantil com as crianças e também há no Ensino Fundamental. Eu não acho válido a gente tomar uma parte pelo todo, da mesma forma que existem profissionais nos anos iniciais que não tem estabelecido com as suas crianças uma relação de afeto, no Ensino Fundamental também existe. Então, eu não saberia responder se há uma ruptura. Nesse sentido, eu acredito que há espaços tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental em que é estabelecido essa relação de afeto, mas também tem espaços que não. (P3)

Observa-se que, praticamente, apenas uma professora reconhece que há um rompimento das relações afetivas na transição de um ano para o outro. Isso fica claro quando a (P1) afirma que essa relação pode ser desafiadora, uma vez que envolve mudanças no ambiente, na abordagem pedagógica e nos relacionamentos. Esse rompimento acontece exatamente em razão da troca de professores, espaços e colegas e faz com que as crianças desenvolvam um sentimento de insegurança por esse novo processo. Dessa forma, cabe ao professor estabelecer uma ponte entre uma etapa e outra, criando estratégias nas quais possa acolhê-las, estabelecer vínculos de confiança, respeito e amizade, com vistas a fazer com que

elas superem sem dificuldades os desafios da transição, para que então este percurso possa ocorrer de fato como um processo contínuo, assim como pontua a (P2).

CONCLUSÃO

Diante dos fatos apresentados, conclui-se que a afetividade é um dos fatores primordiais para o processo de ensino e aprendizagem e para o desenvolvimento do indivíduo como ser social e intelectual. Observa-se que ela se faz presente nos processos de socialização primários e secundários, assim como na continuidade desse processo com o trabalho em conjunto entre família e escola, além de auxiliar o indivíduo a realçar sua forma de comunicar, agir, sentir e socializar de acordo com cada realidade ou conflito a ser enfrentado por meio das relações interpessoais.

Encara-se, na realidade escolar, a carência de afeto por parte dos alunos, onde se enfrenta um cotidiano voltado para regras rígidas, sobretudo por falta de sensibilidade em momentos nos quais os alunos são solicitados a permanecerem sempre em silêncio e em suas cadeiras, ao passo que, na infância, o desenvolvimento físico e motor auxiliam no processo de aprendizagem. Nesse ínterim, a liberdade e a autonomia dos alunos se fazem tão necessárias quanto a transferência dos assuntos postos através de materiais didáticos.

A afetividade coloca o aluno diante da visão de um professor humano, empático e com uma relação de mútuo respeito, como um amigo que apoia e enxerga o potencial que o indivíduo consegue exercer. O apoio e credibilidade depositados auxiliam também no interesse dos alunos para aprender os assuntos em sala de aula, pois a autoestima de crer em si e no que é capaz faz crescer a vontade de aprender cada vez mais. Com a visão das professoras supervisoras do PIBID sobre os questionamentos realizados, foi possível perceber que a afetividade como a capacidade de expressar sentimentos e emoções, interligado à empatia, dão à afetividade um papel crucial para o processo de aprendizagem. Dessa forma, uma relação segura e acolhedora traz um maior e melhor aprendizado, à medida que coloca, neste momento, o professor como sujeito acolhedor e empático para o desenvolvimento de um ambiente que transmita segurança e confiança aos alunos. Esta relação de afeto não se limita apenas ao ambiente escolar, mas está presente em todos os ambientes e pessoas com as quais o indivíduo irá conviver.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Juliana Vieira de. Relação afetiva professor-criança no ensino fundamental I em escolas estaduais do município de Tubarão/SC. **Pedagogia-Tubarão**, p.1-21, 2020. Disponível

em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10011/1/Artigo%20Juliana.pdf>. Acesso em: 13 ago 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Disponível em: www.dicionarioaurelio.com. Acesso em: 13 ago. 2023

FREITAS, Diego Santana de . Relações afetivas, aprendizagem significativa!. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, v. 2, n. 2, p. 181-186, 2014. DOI: 10.55602/rlic.v2i2.66. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/58>. Acesso em: 10 ago. 2023

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995. 135 p. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/210>. Acesso em: 29 ago. 2023

MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. **Educação em foco**, v. 19, n. 28, p. 263-284, 2016. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221>. Acesso em: 13 ago. 2023

OLIVEIRA, Alcyr Alves de. et al. Reflexões sobre o papel do bolsista de iniciação à docência do PIBID para o ensino de língua portuguesa na escola. **Revista Ao Pé da Letra**, v. 17, n. 2, p. 87-98, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/view/231869>. Acesso em: 13 ago. 2023

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **O problema da afetividade em Vygotsky. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Tradução. São Paulo: Summus, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6928515/mod_resource/content/1/PIAGET%2C%20VYGOTSKY%20e%20WALLON%20pdf.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 403412, jul. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVsRc/#>. Acesso em: 29 ago.2023

SANTOS, Fabiani; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Afetividade: abordagem no desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental- uma contribuição teórica. **Revista eletrônica saberes da educação**, v. 3, n. 12012, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n12012/Fabiani.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023

SILVA, Patrícia. O papel da escola no processo da socialização na educação infantil. **Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, 25254014, n.º 3, p 68 - 77, jan/2017. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=26fb1be8eb143bfbJmltdHM9MTY5MjA1NzYwMCZpZ3VpZD0wNzg5YWFm>. Acesso em: 13 ago. 2023

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCER J**, v. 20, n. 5, p.383-386, 2007. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em 14 ago. 2023